

SOBRE A MORTE DE UM CANGACEIRO: O CASO JARARACA EXPLICADO POR GIRARD

ON THE DEATH OF A CANGACEIRO: CASE JARARACA EXPLAINED FOR GIRARD

SARA LOUISE AQUINO ALMEIDA PEIXOTO¹

Resumo

A presente produção tem por objetivo responder a pergunta sobre qual motivo teria levado o cangaceiro Jararaca morto na cidade de Mossoró- RN a virar santo. Através de uma pesquisa bibliográfica obtivemos respostas não muito consensuais e elas estão na teoria do bode expiatório do francês René Girard. O resultado é que o cangaceiro passa de maléfico a benéfico, uma vez que, ele é o causador da violência na cidade, mas ao mesmo tempo sua morte traz paz e ordem a ela e se ele pôs fim aos conflitos existentes com sua morte na comunidade só podia ser um santo. Para nos ajudar na formulação dessa tese usaremos conceitos e descrições para afirmar que esse mecanismo é a estrutura não só dos mitos, como também de muitas histórias, narrativas e fatos atuais. Não explicaremos tudo de maneira exaustiva, mas lançaremos notas importantes para o entendimento do leitor.

Palavras-chave: Jararaca. Girard. Vítima. Violência. Bode Expiatório.

Abstract

The present production has for objective to answer the question on which reason would have taken the cangaceiro Jararaca died in the city of Mossoró- RN to turn saint. Through one it searches bibliographical we got answers not many consensually and them they are in the theory of bode expiatory of the Frenchman René Girard. The result is that the cangaceiro one passes of maleficent the beneficial one, a time that, it is the causer of the violence in the city, but at the same time its death brings peace and order it and if it ended the existing conflicts with its death in the community alone could be a saint. It stops in helping them in the formularization of this thesis we will use concepts and descriptions to affirm that this mechanism is the structure not only of myths, as well as of many histories, current narratives and facts. We will not explain everything in exhausting way, but we will launch important notes for the agreement of the reader.

Keywords: Jararaca. Girard. Victim. Violence. Bode Expiatory.

INTRODUÇÃO

Toda a nossa vida se dá por intermédio da linguagem que está alicerçada em estruturas verbais sequenciais. Para melhor nos comunicarmos, usamos muitas vezes uma narrativa. A narrativa tem o poder de encantar, fixar, rememorar, alegrar. Essas

¹ Graduada em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Graduanda em Filosofia pela mesma Instituição e pós-graduada em Metodologia e docência no Ensino Superior pela Faculdade Vale do Jaguaribe.

características dependem também do interlocutor, do narrador e da estória. É dela que saem peças teatrais, filmes, danças e diversas expressões, não apenas visuais, como também os mais belos escritos literários de todos os gêneros.

Nesse sentido, temos na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, uma memória, mas também um esquecimento acerca de Jararaca, um cangaceiro pertencente ao bando de Lampião, que logo após todos os acontecimentos — antes e após sua morte — deixou de ser visto como bandido, e passou a ser tido por Santo. Algumas pessoas até hoje fazem visitas ao seu túmulo no cemitério São Sebastião na referida cidade. Jararaca não nasceu em terras potiguares, era pernambucano, mas foi aqui que ele adquiriu ao redor de sua figura toda uma narrativa entremeada de especulações junto aos populares.

Aqui, trataremos um pouco dessa narrativa e como ela tem o mesmo mecanismo que constitui o Mito. A própria palavra *mythos* quer dizer enredo, narrativa. Trataremos também da narrativa acerca dos acontecimentos ao redor da morte do cangaceiro. No entanto, por hora, temos de registrar que o mito possui também uma sequência de palavras, como todas as estruturas verbais, que se coadunam em metáforas representativas, também de fases conceituais. Além disso, há etapas descritivas que correm em uma série de eventos exteriores à narrativa, ou uma série de fatos que corroboram à própria estória que lhe são indispensáveis em si mesmos para sua justificação.

Na primeira parte do presente trabalho, serão apresentados os eventos e narrativas ao redor da morte do cangaceiro; sua posterior santificação, bem como uma conceituação do mito. Na segunda, uma apresentação da teoria da vítima propiciatória de René Girard. Entenderemos como ela explica o fenômeno ocorrido em terras mossoroenses no interior do nordeste brasileiro, com o objetivo de responder à pergunta: “por que um bandido foi transformado em santo?”.

O nosso objetivo aqui não é explicar o fenômeno do cangaço, tampouco realizar um relato capcioso sobre a vida e trajetória de Jararaca. Apenas mostraremos como sua morte elenca, mostra e reafirma a tese de René Girard. Inicialmente, o autor apresentou o mecanismo do bode expiatório em suas primeiras obras – *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (1961), *A Violência e o Sagrado* (1972) e *Coisas Ocultas desde a Fundação do Mundo* (1978), escrevendo sobre sua teoria até o fim de sua vida, concedendo diversas entrevistas, muitas delas transformadas em livros pela editora É

Realizações aqui no Brasil. Suas hipóteses estão escritas ao longo de todas as suas produções e influenciou diversos trabalhos no mundo inteiro.

A MORTE DE JARARACA: BANDIDO OU VÍTIMA SACRIFICIAL?

A morte do cangaceiro se deu em 19 de junho de 1927. Jararaca foi morto por alguns policiais que o escoltavam até a cidade de Natal – RN onde seria preso, mas estes talvez pensassem que o mundo deveria ter um criminoso a menos, e assassinaram aquele que, segundo relatos de jornais da época, era um bandido muito perigoso.

A narrativa na cidade de Mossoró é que o cangaceiro foi sepultado vivo, de maneira que as pessoas se sensibilizaram com a sua morte trágica e atribuíram-lhe arrependimento, por fim, recebendo a remissão de seus pecados. Falcão (2011) acredita que a relações simbólicas que construíram a redenção do cangaceiro advém justamente dessa morte incomum, da morte trágica que abre o caminho ao sagrado².

Sabemos que muitas pessoas vêm a morte como conversora, ou seja, por mais que alguém tenha agido mal, enquanto em vida, a morte o converte bom. É como se a morte em si sanasse o seu pecado; porém intentamos aqui olhar para essas narrativas com um olhar girardiano. Por isso, não endossaremos a tese de Falcão (2011) por si, cujo simbolismo da morte trágica, a busca pela “boa morte” levam as pessoas a acreditarem no arrependimento do bandido — isso não explica sua sacralização.

Renê Girard nasceu na França na década em que se deu a invasão do bando de Lampião à Mossoró³, década de 20. Nascido em 1923 e falecido em 2015, talvez não tivesse tomado conhecimento do cangaço, mas, a partir dos seus escritos, tentaremos entender esse fenômeno ocorrido em terras mossoroenses que é a sacralização de um culpado.

Ao analisarmos o mito, vemos que com o tempo a palavra foi se associando a um significado que o define como aquilo que não é verdadeiro, mas isso não invalida sua estrutura. Conforme Frye (2004), no relato histórico, mesmo que as palavras aparentem seguir dados consecutivos que as precederam, a seleção de dados e seu arranjo precedem tudo, temos a impressão de que a sequência das palavras vêm de fora,

² Sua trágica morte aparece como o caminho que o conduz a um tempo sagrado, a uma ruptura temporal e do mundo que o cercava, livrando-o de sua trajetória transgressora, e permitindo “uma abertura para o Tempo Sagrado”. (ELIADE, Mircea, 1991, p. 54 *apud* FALCÃO, 2011, p. 14)

³ Fato ocorrido em 13 de Junho de 1927.

mas é só impressão. Diz ainda que a “cultura verbal de uma sociedade pré-discursiva consistirá em grande parte de histórias, mas entre elas se desenvolve uma especialização em matéria de funções sociais que terminam por afetar mais algumas do que outras” (FRYE, 2004, p. 59).

Quando Marcílio Falcão, professor cearense que atua em Mossoró, pesquisou sobre a memória da cidade em relação ao cangaceiro, visitou o cemitério em 2005 pela primeira vez. O professor se deparou com diferentes narrativas sobre Jararaca. Seu túmulo é o mais visitado de todos, as pessoas oram, depositam flores e acendem velas sobre ele. No dia dos finados isso é muito perceptível e alguns fazem questão de falar sobre a vida dele de bandoleiro no cangaço.

É bom diferenciar os mitos dos relatos da população que, de maneira geral, são contados para o contentamento e não têm finalidade muito importante. É o caso de uma árvore próxima ao seu túmulo que geme nas noites de chuva e chora todas as vezes que alguém lhe toca. As histórias mais importantes, em contrapartida, são aquelas que querem deixar alguma lição para seu povo, até mesmo sobre sua história, costumes, leis e preocupações específicas. O mito, diferentemente de certas histórias, leva consigo uma importância especial e uma seriedade. Suas qualidades derivam-se de sua autoridade e funções sociais e não de sua estrutura somente. O mito pode se dar de forma interligada com outros mitos. A história popular é diferente. Muda de um lugar para outro justamente por não ter um ponto central definido.

Segundo Frye (2004, p. 60): “mitos desenharam o contorno de uma área específica da cultura humana e a demarcam em relação a outras.” Quando dizemos que a mitologia ajuda a criar uma história cultural, o fazemos porque se é compartilhada uma herança de experiência verbal ao longo do tempo numa sociedade, ou seja, a mitologia fomenta aquilo que mais tarde chamaríamos de História. A literatura também é uma descendente da mitologia, uma vez que, ela, junto com a poesia, recria o uso metafórico da linguagem, uma figura primeiro utilizada pelos mitos e que veremos a sua significação, contida nas produções literárias que vieram posteriormente.

É importante ressaltar que um mito não permanece soterrado pela literatura que lhe advém. O mito não é soterrado sob os desenvolvimentos literários posteriores. Muitos estudiosos achavam que existia uma causa para o mito e não gostavam da ideia de este ser autônomo com capacidade imaginativa e criativa. A dificuldade se estende ao vê-los como um conjunto de histórias interligadas. “Mitologia não é um *datum* (dado,

dádiva), mas um *factum* (fato, obra) da existência humana: pertence ao mundo da cultura e da civilização que o homem construiu e onde ainda habita.” (FRYE, 2004, p. 63).

Cremos que mitos têm base em fatos reais, embora as narrativas que o levem adiante não sejam sempre iguais, até porque os homens o interpretam de maneira diversa, visto terem cosmovisões distintas e pensamentos diferentes sobre o que é a vida, o bem e o mal etc. Em Mossoró, o fato sobre a morte de Jararaca é verídico. Ainda hoje há um espetáculo na cidade chamado “Chuva de balas no país de Mossoró” que reconta a invasão do bando. O evento ocorre justamente no mês em que ocorreu a luta contra os cangaceiros, sendo apresentado desde a década de 1970.

Estudiosos também podem sugerir que o mito é uma forma primitiva de ciência, mas o fato é que o desejo do mito é o de traçar um círculo em torno de um ajuntamento humano e olhar ali dentro para aquela comunidade. Não é o de perguntar sobre questões da natureza, isso não quer dizer que um mito não lance mão de elementos da natureza. As próprias histórias contadas sobre o cangaço estão imbricadas com a geografia e um ambiente específico que se vê no Nordeste. Um dos pontos principais do mito está na imaginação que nos separa e interliga ao meio ambiente, nisso se manifesta a sua autonomia criativa.

A mitologia pertence ao campo das artes e mais uma vez dizemos que é uma forma de pensamento criativo e imaginativo. O mito, segundo Frye (2004), não progride com o avanço da sociedade. Ele, como qualquer arte, não é algo progressivo, mas também não é abolido com o avanço da tecnologia. Alguns supuseram ser o mito um tipo primitivo de pensamento conceitual. Erradamente, podem pensar alguns, ser o mito uma explanação equivocada sobre um assunto da vida humana. Em Mossoró, por exemplo, toda a mitologia em volta do cangaço está ligada a eventos reais ocorridos.

É necessário observarmos que o mito não tem uma raiz orgânica e produz assim acertos e presunções sobre a realidade que entram em conflito com aquilo que orienta a observação dessa ordem. Nesse momento, Frye (2004) escreve que deve haver aí uma substituição por uma explicação científica. É importante ressaltar ainda que, era após era, a linha central mítica é recriada. Da mesma maneira, à medida que a literatura se desenvolve, os contos populares vão fazendo parte de seus elementos principais.

Como já dissemos, o mito tem uma autoridade em si mesmo. Sendo assim, ele pouco depende do narrador, pois nele existe uma tradição que é respeitada. Os poetas,

por exemplo, referem-se aos mesmos temas míticos. É como se o mito estivesse unido e separado ao mesmo tempo da verbalidade. De fato, o mito pode apresentar respostas distintas sobre questões fundamentais como vida após a morte, bem, mal etc. Tudo isso entrelaçado em uma cadeia de personagens em meio a uma narrativa envolvente, onde ao escutar tais enredos o ouvinte também se relaciona consigo mesmo e visita sua consciência.

O mito não está preso a um tempo cronológico — embora surja em momentos históricos definidos — e mobiliza em nós diversos sentimentos e feições reverberando e atualizando antigos sentidos. Muitas histórias nos passam isso, mas o mito tem essa estrutura basilar. A história do cangaço não é um mito em si, mas compreende narrativas que se coadunam com o que vemos em diversas mitologias. Veremos adiante, principalmente no que se refere ao transcendental, violência, conflitos, desejo mimético, vítima propiciatória etc.

Os mitos se perpetuam na obra de literatos, poetas, cantores e artistas. Reverberam-se em diferentes narrativas e são revividos em forma de rituais. Ao visitar o túmulo de Jararaca no cemitério São Sebastião, em Mossoró, podemos ver pessoas acendendo velas e pedindo como dizem, “alguma graça” ao que, para eles, é um santo milagreiro. Na tese de Falcão (2011) ele faz diversas entrevistas a pessoas que dizem ter alcançado essa referida graça seja com cura, libertação de vícios de parentes etc.

A história da invasão do bando de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, muito marcou a cidade de Mossoró que não aceitou dar nenhuma quantia ao bando. Primordialmente, o bando pedia 400 contos de réis para retroceder na invasão. O município resolveu resistir pela intrepidez do prefeito Rodolfo Fernandes. A batalha, ocorrida no dia treze de junho de 1927, produziu um escopo de memórias que são afincadas nas pessoas pelas festividades que acontecem no período recorrente da invasão, com finalidades além de turísticas, teóricas e produtoras de memórias.

Segundo Campbell (1994), quando um mito deixa de ter importância individual e social, ele é descartado e desaparece. Não foi isso o que ocorreu em Mossoró, já que há toda uma mitologia e propagação nela ao redor dos cangaceiros e suas histórias pelo sertão. Até hoje, nas festividades de Junho, com teatros e encenações na cidade de Mossoró, voltam-se a lembrar dos atos ocorridos entre cangaceiros e civis.

Campbell (1994) observa que, nos dias atuais, poucos conhecem os mitos de sua cultura tradicional, pois a maioria dos pais e avós não se preocupam em transmitir às

gerações que os seguirão as histórias de seus ancestrais. Em um mundo desmitologizado, a falta de modelos heroicos pode levar o jovem a se perder em meio à violência das gangues, com suas próprias versões de rituais, provas e iniciações, que não oferecem a riqueza de significado dos ritos e mitos tradicionais. Sobre a importância do mito para a construção da psique, Campbell afirma: “Os mitos me dizem onde estou” (1994, p. 16).

José Leite de Santana, o Jararaca, foi como membro do grupo de Lampião o único cangaceiro preso na cidade de Mossoró. Alguns, como o cangaceiro Colchete, por exemplo, morreram. Jararaca, em contrapartida, sofreu tiros ao despojar Colchete no momento em que tentavam tomar a residência do prefeito, hoje chamada de Palácio da Resistência, centro administrativo da cidade. A cidade se preparou para o ataque usando o método de trincheiras e guarnição em lugares específicos como a Capela São Vicente de Paula, a Estação Ferroviária e a sede, onde hoje se encontra a prefeitura.

É importante ressaltar que até hoje na cidade de Mossoró para muitos o herói não é o prefeito ou, por exemplo, o homem que matou Colchete com tiro na cabeça por sua exímia pontaria: Manuel Duarte. O mais lembrado dessa história toda acabou sendo Jararaca que foi tido por arrependido e injustiçado. Jararaca, que após ser baleado se arrastou até a antiga estrada de ferro, onde outrora passava o trem, acabou sendo preso, pois pediu ajuda a um munícipe que ao invés do remédio trouxe a polícia para capturá-lo.

A invasão dos cangaceiros a Mossoró passa de acontecimento a elemento folclórico e literário presente em muitos cordéis até hoje, além de ser um tema constante de poemas, cantigas e livretos. O jornal *O Mossoroense* que circulou pela primeira vez já no ano de 1872, registrou na edição de 26 de junho de 1927 que Jararaca havia morrido em viagem para Natal em decorrência dos graves ferimentos sofridos, Falcão atesta:

Estampada na primeira página do jornal, essa notícia fazia parte da matéria “Hunos da nova espécie: Mossoró continua em armas à espera de um novo ataque”, que por sua vez relata o trabalho das autoridades e da população na organização da resistência. Comenta os detalhes da morte de Colchete, os ferimentos e a identidade de Jararaca, que só foi possível através do contato que o Dr. Benício Filho (diretor do Departamento de Segurança Pública do Rio Grande do Norte) manteve com a polícia pernambucana. (FALCÃO, 2011, p. 23)

Ao que parece, a população mossaoroense estava ainda aterrorizada com o ataque e já se preparava para uma possível vingança ou segunda invasão. Naquele momento, os cangaceiros eram os culpados pela instabilidade e desordem ocorridas ali. Lá estava na cadeia pública até o momento de sua transferência, o estandarte da culpa dos problemas mossaoroenses: Jararaca. Ele deu entrevistas e recebeu auxílio médico antes de sua morte, mas a notícia oficial passa a ser diferente das narrativas orais dos populares. Ainda sobre a morte de Jararaca:

Símbolo vivo da vitória mossaoroense sobre o bando de Lampião, Jararaca era exposto e inquirido. Contava sobre a vida de cangaceiro, sobre as ações dentro do grupo e as atividades no Rio Grande do Norte. Relatou como os cangaceiros tinham se unido para atacar Mossoró, citou os nomes dos componentes que participaram da empreitada, comentou sobre as alianças e intrigas entre os coronéis, como eram feitos os ataques e disse ser inocente dos crimes pelos quais era acusado. Tudo na esperança de pouparem sua vida, porém sua trajetória, marcada pela imagem de violência e impiedade diante das vítimas, aparecia na imprensa caracterizando-o como um ser frio e cruel. (FALCÃO, 2011, p. 26)

A imprensa local sempre escrevia sobre as ações do bando informando sobre saques, tratamento atroz dado às vítimas, relação dos cangaceiros com os coiteiros, com os políticos e padres. Essa mesma imprensa entrevistou o cangaceiro na cadeia pública da cidade nos últimos dias da sua vida. No início da propagação das narrativas, os policiais não estavam comprometidos com a morte, visto que a mídia não deixava transparecer isso e eram as figuras mais aviltadas da resistência. Logo após o assassinato de Jararaca, a polícia também foi vista como corporação que poderia transgredir. o próprio Jararaca fala, em sua entrevista ao jornalista Lauro da Escóssia, que Lampião atacou Mossoró para comprar volantes de Pernambuco, porém com sua morte as posições mudaram.

Logo no início dos acontecimentos envolvendo a morte do cangaceiro Jararaca, a mídia local não escrevia sobre o assassinato em si, mas no quanto bandidos como Jararaca deveriam ser punidos devido as muitas atrocidades que cometeram⁴. Jararaca

⁴ Em matéria do jornal *O Nordeste* fundado em 1916 um mês depois da morte de Jararaca ele era visto como culpado e digno de morte “O fogo cessou depois de uma hora e em breves minutos já o povo fervilhava nas ruas, curiosos, enquanto, arrastando para a Praça da Matriz traziam o bandido “Colchete”, morto na trincheira do cel. Rodolfo Fernandes, onde sahira balleado mortalmente o terrível “Jararaca” que faleceu dias depois. É pena que este monstro não tivesse sido

era maléfico e não havia espaço para taxá-lo de vítima. O cangaceiro Mormaço que foi preso no Estado do Ceará, depois transferido para a cidade de Mossoró, em entrevista ao jornal *Correio do Povo* em 27-11-1927, diz que “alguns ficavam atrás para, nas estradas, forçarem algumas moças, como também mulher casada; que sabe que alguns desses eram mais audaciosos, neste sentido, entre os quais Moreno, Jararaca e Nevoeiro.” Relatos como esses serviam mais ainda para escancarar perante todos a índole do capturado, punido na cidade de Mossoró, que passa a ser vista como a cidade da resistência em todas as narrativas, encenações etc.

A mídia já chegava a relatar que a justiça feita com as próprias mãos para pessoas desse tipo é mais eficaz do que a justiça legal com suas brandas leis. Jararaca era tido por ela como monstro e facínora⁵ que devia ser exterminado pela estabilidade e bem da comunidade. Se o cangaceiro é facínora, é por falha aplicação da lei, ou é vítima dos homens, da sua própria índole, ou por influência do meio, mas nesse caso teve escolha, pois como vítima pôde agir e ser. Esse era o reflexo das ideias hegemônicas na época como podemos ver na matéria de *O Nordeste* em 22-07-1927 escrita pouco tempo após a morte do cangaceiro e apresentada por Falcão (2011, p. 29):

[...] Aquelle agora poderá tornar-se o terror das populações, praticando toda sorte de crimes hediondos. Este deixa-as em paz... sofrendo a sua miséria!” [...] Todos temos, nesse ultimo caso, o direito de exterminar o facínora, porque se tornou nocivamente prejudicial a commum, a estabilidade da

morto quando capturado, no dia seguinte, também suplicado como fêz a muitos inocentes, arrancando unhas, furando olhos, esquartejando cadáveres, arrancando miolos! Não pagaria, por si e pelos seus cadáveres, arrancando miolos! Não pagaria, por si e pelos seus comparsas do crime, os desvirginamentos, os estupro e as sevícias praticadas na terrível devassa aos lares indefesos! Ter compaixão de “Jararaca” é esquecer o instinto de conservação, é negar o direito de vingança natural contra os monstros da humanidade! A humana criatura que desde tanto, que semeia a desgraça por instinto de perversidade, só pode merecer o linchamento que é a lei da razão do povo, em contrário às blandícias da lei escrita, que, por vezes, constitui o próprio crime, gera bandidos pelas injustiças que dissemina! É isto talvez uma ofensa às instituições do direito, mas é uma verdade da razão humana. A fera mata pelo instinto de sua espécie, e por isto está em grau superior ao facínora de profissão que tem juízo e raciocínio, que mata e sacrifica por esporte, para ver a queda ou para roubar, ou para reagir contra quem lhe foge aos maus desejos cúpidos e lascivos! O bando de “Lampião”, na hora presente, constitui um caso único na história da humanidade, dentro de seu programa macabro de toda espécie de crimes. É de praxe o incêndio às propriedades, sempre que é possível a desonra, pelos modos mais repugnantes. Os tiranos ordenam a nudez a senhoras e virgens, dançam com elas e consumam, bestialmente, os mais torpes atos de erotismo! É, por cumulo, testemunham esses atos, muitas vezes, os próprios maridos, pais e irmãos das vítimas! E tenha-se compaixão de gente tão infame, como “Jararaca!” *O Nordeste* – 22-07-1927.

⁵ A visão de Jararaca como um dos cangaceiros mais cruéis também está reportada na obra de um importante escritor Potiguar, Câmara Cascudo (1966), em um de seus poemas “*Vida e morte de Jararaca*” ele escreve:

*No dia 19 à madrugada, A noite estava escura e tenebrosa,
O tenente em condução bem preparada,
Transportou a fera vil e asquerosa;
Na estrada Jararaca quis correr,
Foi pior, que mais tarde veio a morrer!
Pesada luta a fera então travou
E quase que fugia dessa vez
Se não fora um soldado que o agarrou
Com força destemida altivez.
Jararaca foi morto de punhal,
E enterrado num podre lamaçal (apud FALCÃO, 2011, p. 41).*

sociedade; e mais direito temos ainda de enforcar ao injusto, ao causador dessa obra macabra, forjada a sombra das posições, quasi sempre legaes! Deve-se combater e extinguir o monstro fabricado pela opressão, como o expontaneo, por atavismo ou circunstancias do meio, desde que causem perturbações, molestas e sinistras a ordem e a paz do povo.

Segundo as narrativas da época, os mossoroenses diziam: “Lampião vem aí, vai matar todo mundo”. A cidade de fato ficou em pânico, os relatos é de que alguns fugiram e outros, apesar do medo, ficaram para os receberem à bala. Jararaca era um dos alvos predeterminados pelos civis que aguardavam pela vingança e paz. Logo após a sua morte, escritos e narrativas surgiam sobre como se deu o seu fim. Em 1930 já era publicado um livro relatando esse fato. O livro⁶ apresenta as primeiras impressões sobre sua morte e afirma o que já se desconfiava: Jararaca foi, na verdade, assassinado.

Jararaca passa, a partir dessas novas narrativas pós 1930, a ser uma vítima da forte repressão dos policiais. As informações que corriam na cidade eram, segundo outros escritores que deram prosseguimento ao tema⁷, que os agentes policiais em escolta ao invés de leva-lo para a capital foram rumo ao cemitério São Sebastião. Lá já existia, segundo relatos, uma cova aberta em um lugar um pouco afastado, a respeito dessa cova o perguntaram se sabia de algo.

Segundo os relatos, Jararaca não teria pedido clemência e teria dito que podiam mata-lo que estariam executando um “cabra” valente. O fato de o cangaceiro ter sido mal tratado e ter tido, segundo Falcão (2011), uma morte “aperreada” faz com que alguns atribuam a “santificação” dele ao fato de estar presente no imaginário popular a ideia de que uma morte trágica eximia as pessoas de muita coisa. Segundo Falcão (2011), esse tipo de morte sensibiliza o outro que vive dentro de um escopo de crenças e tradições “que contribuem para a circulação da noção de morte trágica como condição que favorece uma ressignificação do ser social diante da morte, abrindo-lhe a possibilidade do perdão” (FALCÃO, 2011, p. 39).

Porém, é importante frisar aqui que o nosso objetivo com essa pesquisa não é o de reafirmar essa tese, essa não é a resolução que achamos para o porquê Jararaca foi santificado após sua morte por várias pessoas. A hipótese é afirmar que essa história pode ser explicada pela tese do bode expiatório que veremos adiante.

⁶ Obra do escritor cearense Leonardo Mota chamada “*No Tempo de Lampião*”.

⁷ Raimundo Nonato (1955), Câmara Cascuda (1966) e outros.

Antes, é preciso detalhar ainda sobre o ato da sua morte⁸. Um soldado, segundo os pareceres, pegou o revólver deu-lhe um tiro que pegou em seu “pé do ouvido”. Com isso, Jararaca não passou bem ao momento de sua queda com os próprios pés. Os policiais o teriam empurrado para dentro da cova, mas antes tiraram suas algemas e fizeram luz na sepultura. Foi quando o viram caído de bruços e concluíram o serviço com pás de areia por cima do corpo.

Após 1970, começam a aparecer outros escritos acerca desse fato, dessa vez com relatos dados por alguns dos policiais. Uma das obras publicadas que versavam sobre o tema do assassinato era a de Raul Fernandes (1970) que publica *A marcha de Lampião: assalto a Mossoró* onde diz: “Jararaca nada desconfiava. Retiraram-no da cela, sustido por dois soldados. Vinha desfigurado, de cabeça pendida. Reclamou, antes de entrar no carro, as alpercatas. Não queria chegar descalço à Capital. Um oficial, esboçando sorriso maldoso, respondeu que “em Natal lhe daria um par de sapatos de verniz” (*apud* FALCÃO, 2011, p. 43).

Ainda sobre o relato, Fernandes (2005) escreve:

O carro Willys Night, de capota de lona, era bastante espaçoso. Dois soldados largaram o bandido no chão da viatura e sentaram-se. Homero na direção estranhou aquele arranjo.

⁸ “[...] O cabo Batista era aposentado e estava bem velho. Ai, nessa época, ele narrou de uma maneira bem minuciosa como foi o enterro de Jararaca. Ele contou como Jararaca foi preso, como você conhece muito bem aquela entrevista de Lauro da Escóssia. Uma entrevista muito complexa, onde o jornalista devido sua curiosidade não aprofundou bastante, mas de qualquer maneira, hoje é um documento histórico de muito valor. João Batista falou que estava no cemitério quando chega o sargento com um guarda trazendo Jararaca algemado e, ao entrar, Jararaca viu o cemitério e disse: vocês me enganaram macacos. Vocês me enganaram! Vocês me disseram que iriam me levar para Natal, mas vocês vão é me matar! Isso alguém, o próprio sargento, dá uma coronhada de rifle ou fuzil no crânio de Jararaca e ele desmaia. Tiram do carro e arrastam até onde estava Batista, que esperava com outro. A cova já estava cavada. Ai, quando eles chegam o jogam na cova. Isso tudo foi contado por Batista e pelo cabo que estava presente. Jogaram Jararaca arquejando no buraco e um dos soldados disse: homem acabe de matar! Não se faz isso com um cristão, mas o sargento disse: cale a boca! Não diga nada! Mossoró amanheceu o dia suspeitando, mas a versão oficial era que tinham levado para Natal. Isso despertou a curiosidade da população: levaram pra Natal ou mataram e enterraram? A população fez fila para visitar Jararaca na cadeia. A fila chegava longe. Tem até um fato interessante que o pai de Rafael Negreiros, Manuel Negreiros. Este chegou e disse: cangaceiro felá da puta... pra lá... não sei o que mais... não sei o que mais. Então Jararaca disse: o senhor não tem vergonha de insultar um homem algemado, seu covarde. O bicho era valente mesmo (risos)! Eram essas coisinhas que a população passou de ouvido a ouvido. Então, diz João Batista que ele foi enterrado vivo e arquejando. Ai a cova ficou conhecida. A população descobriu que ele não foi levado para Natal. Como é uma tendência popular ficar sempre do lado da vítima, desde então, a população ficou a favor de Jararaca. Aí você pergunta: e Colchete? Porque Colchete também não ficou assim? A bem da verdade ninguém sabe qual foi o túmulo de Colchete e porque houve a ausência desse conhecimento? Não houve paixão do povo. Compaixão do povo só Jararaca, que foi realmente arrastado e caluniado. E teve essa morte, assim fria, né.” Entrevista do famoso Padre Sátiro Cavalcante Dantas já de idade avançada realizada no Colégio Diocesano Santa Luzia em 2009 a Falcão (2011, p. 68-69).

Atravessou ruas desertas. Entrou na Avenida principal – Augusto Severo. Ao avistar a Estação, recebeu ordem de prosseguir. Desconfiou de algo macabro, em andamento. O cemitério ficava logo adiante. Minutos depois mandaram-no parar, frente ao portão. Apressadamente, os soldados deixaram o veículo. Jararaca compreendeu haver chegado o instante derradeiro [...]“Isso aqui é o caminho de Natal?”. Nesse momento, “um soldado puxou-lhe a perna doente, com extrema brutalidade. Ouviu-se um grito lancinante: Valha-me Nossa Senhora?”⁵¹ (*apud* FALCÃO, 2011, p. 44).

Os dados foram oferecidos pelo chofer Homero Couto e registrados no livro de Raul Fernandes. Como lemos, ele busca se eximir de qualquer responsabilidade do ato da morte do cangaceiro que se deu da seguinte maneira:

O soldado do lado oposto desferiu-lhe violenta coronhada de fuzil na cabeça, sem dar-lhe tempo ao mais leve gesto de defesa. Sucederam-se as pancadas. Tomavam proporções altíssimas, em meio ao silêncio da noite. Pareciam que socavam terra. Arrastado para fora do carro, atirado ao chão, ainda estertorava. Deram-lhe algumas punhaladas no peito e no pescoço, deixaram-o inerte. Colocaram-no dentro da sepultura, perto de Colchete (FERNANDES, 2005, p. 47 *apud* FALCÃO, 2011, p. 47).

Os policiais resolveram fazer “justiça com as próprias mãos” e a morte do cangaceiro não teve um funeral digno. A narrativa de que Jararaca foi sepultado ainda com vida percorre até hoje a cidade de Mossoró. Para muitos, seu assassinato se deu de maneira fria e bárbara, mesmo que a postura do bandido até mesmo nas entrevistas fosse de desprezo, isso não deveria ter sido feito. É importante lembrar a figura do prefeito — à época da invasão em 1927, Rodolfo Fernandes — que apesar de ser um homem de coragem, estratégia e ter sido o herói da resistência não se dobrou diante da chantagem de Lampião, coisa que muitos coronéis, fazendeiros e outras figuras políticas faziam naquela época, acabou não sendo o herói da história.

Apesar da proeminência dessa ilustre figura política, como já dissemos, o túmulo mais visitado do cemitério São Sebastião (onde o prefeito também está enterrado) é o de José Leite de Santana, o Jararaca. Rodolfo Fernandes, segundo relatos, não foi o responsável por sua morte, soube do fato depois de ocorrido e segundo algumas obras escritas não se envolvia em assuntos relacionados à Justiça. Na morte do cangaceiro não

houve a participação de civis e nem de figuras da política, o responsável pela morte de Jararaca foi o destacamento policial.

Falcão (2011) acredita que através do patrocínio político a cultura local, mantendo a ideia no imaginário coletivo e a não-participação ativa da população na morte, fortaleceu nos mossoroenses a visão de seu município como cidade da resistência que luta pela manutenção da ordem. Veremos, porém que o que trouxe a sensação de paz não foi “a população não se sentir culpada”, ou a sensibilização com a morte trágica e sim a morte do culpado em si que traz “paz”, pois era o principal responsável por todos os problemas da cidade conforme a teoria da vítima propiciatória de René Girard, nesse processo após a sua morte ele se torna santo e foi isso o que aconteceu com o cangaceiro mais uma vez diferente da tese mais corrida:

A memória do injustiçado sobreviveu à margem de uma memória produzida e disseminada a serviço da glorificação de homens que formavam a cidade da resistência. Os fragmentos que aparecem sobre a morte de Jararaca nos livros, desde a década de 1930, são resultados das transformações e ressignificações pautadas nos interesses de manter a imagem da cidade em evidência no cenário estadual, como aconteceu nas comemorações do cinquentenário da resistência (1977) (FALCÃO, 2011, p. 54).

Longe de acreditar na glorificação da cidade *per si*, muitas pessoas dizem sem fazer alusão ao ato da invasão, que na hora de sua morte Jararaca teria se arrependido de todos os crimes. Além disso, afirmam ainda que alcançaram favores dele e por isso acendem velas em sua cova, chegando a fazer votos de fazê-lo todos os anos. Esses favores são, por exemplo, cura de uma filha, desemprego, sossego, aposentadoria, equilíbrio mental, libertação do vício, descoberta do bicho do jogo etc. Nessa entrevista concedida a Falcão (2011) a culpa que anteriormente era colocada sobre o cangaceiro é retirada dele:

Ele morreu devido o ferimento na perna, ou se foi o pessoal que mataram, mas ele foi preso. Ninguém sabe. Eu penso que mataram, mas não sei não. Dizem que ele foi enterrado vivo. Não eram pra ter feito isso. Ele fazia certas coisas, mas era por causa de Lampião, né? Não eram pra ter enterrado ele vivo não. O túmulo dele durante o dia de finados, Ave Maria, é muita vela. Uma vez, faz tempo, veio uma irmã dele visitar a cova

dele, mas eu não tava nesse dia não (PINTO, Cecília Serafim. 82 anos. Aposentada. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Ilha de Santa Luzia, na cidade de Mossoró, no dia 20/12/2010 por FALCÃO, 2011, p. 153).

Em sua obra sobre o narrador, Walter Benjamin (1994) defende que a “experiência que passa de pessoa à pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores”, porém essas experiências podem provocar mudanças na própria maneira de narrar os acontecimentos. O fenômeno ocorrido em Mossoró, apesar de se manifestar com nuances levemente diferentes nos relatos de alguns munícipes, tem a mesma base que é a de vitimização do culpado. Jararaca, o monstro que queriam morto, passa a ser visto como santo.

MOSSORÓ ESTÁ EM ORDEM: GIRARD EXPLICA JARARACA

Não é nossa especialidade a crítica literária, não faremos uma investigação das formas dentro de um método. Analisaremos a tragédia e a reciprocidade conflitiva não por um viés psicanalítico, embora haja essa possibilidade. O que podemos colocar aqui é que na literatura, nos mitos, nas artes em geral estão presentes sentimentos e comportamentos vistos por todos. Muitas vezes atitudes opostas em um mesmo personagem, como serenidade e falta de domínio de si mesmo, personagens esses que têm uma propensão a determinados comportamentos ao serem provocados.

Os heróis da literatura têm sempre alguma debilidade que, por sua vez, é responsável por uma tragédia consigo mesmo. Sentimentos como a cólera já estão, segundo Girard (1995), presentes em todos os mitos. Os personagens se encolerizam cada um à sua vez, todos vão sendo secundários frente à cólera principal e inexcusável. Girard (1995) atesta que, no espaço da violência impura, qualquer investigação da origem dela é tipicamente mítica e deve ser assim para que essa inquirição chegue ao seu término sem destruir a reciprocidade violenta.

Um após outro, os protagonistas estão atrás de um mesmo objeto que representa o conflito trágico. Cada qual, no começo, crê que é capaz de dominar a violência, mas é a violência que domina a todos os que estão em cena, os quais pensam que escaparão por uma exterioridade accidental e temporal. Nesse conflito, cada um crê ser uma espécie de juiz soberano e imparcial, mas logo manifestam furor quando contesta-se o seu

prestígio, ainda que por silêncio dos outros oponentes. O que atrai os homens no conflito é sua ilusão de superioridade na simetria conflitiva. Isso não quer dizer que não exista diferença entre os antagonista. Nesse cenário, alguém tem que proclamar a verdade que muitas vezes precede do ato do opositor que apenas calunia, mas leva o outro a dizer verdades a seu respeito. Aí se encontra a mensagem sobrenatural; não procede disso em si, porém também está em cena.

O opositor acusa com o que ele mesmo fala sobre o real daquilo que também faz o que gera contra-acusações. O que diz a verdade descreve a acusação como escandalosa, que se caracteriza por uma culpabilidade acusadora e o oponente não vê a culpa que nele habita. O fato é: a vítima que surge desse conflito, muitas vezes morta ou sacrificada, passa a ser a responsável pela intriga conflituosa. A vítima é a responsável pela crise sacrificial, mas os responsáveis são os que participam da destruição da ordem.

A destruição dessa ordem pode ser vista também como destruição da cultura e não apenas “golpes” entre pessoas. Girard (1995) cita como exemplo a monarquia e a religião. Nesse conflito cada qual revela os reverses do que denuncia, mas sem reconhecer na verdade anunciada a sua própria, cada um vê no outro um intruso que toma sua legitimidade que crê defender. Um afirma, outro nega, e o que vê o debate nada pode afirmar. Assim, a reciprocidade vai aumentando e se alimentando dos esforços de cada um para destruí-la, o debate trágico é o equivalente ao debate verbal que o prefigura.

É importante salientar que há na história uma série de réplicas desse conflito, principalmente na literatura e mitologia. Muitas vezes nessas histórias os antagonistas se indiferenciam e têm identidades comuns, porém ao mesmo tempo o que se é dito sobre determinado personagem, não cabe mais a nenhum outro. As diferenças preponderantes são resolvidas no mito geralmente de maneira brutal e o que comete o incomum é geralmente uma exceção monstruosa. No mito, os valores novos ou velhos são deixados “de lado” e se segue a perspectiva trágica até o final, de modo que suas ações trágicas são segundo cada um dos personagens boas intenções.

O mito é quem decide de maneira inequívoca seus reverses. Caberia-nos perguntar quais são as bases ou sobre quais condições decide o mito. A conclusão do mito nada mais é que a vitória ainda que camuflada de uma parte sobre outra, o triunfo de uma leitura sobre seu rival. Segundo Girard (1995) a adoção pela comunidade de

uma versão dos acontecimentos. É como se a continuação pertencesse a todos e ao mesmo tempo a ninguém.

O oponente responsável pela tragédia não é agora exatamente um monstro. Esse sentimento recíproco está contido em toda tragédia. Essa reciprocidade absorve relações convertendo-as em rivalidade, geralmente, em torno de um objeto que está mais reservado ao oponente e rigorosamente proibido a outrem. A violência que se dá gera um processo de indiferenciação violenta que é o término de sua trajetória.

A perda das diferenças estaria ligada, segundo Girard (1995), ao surgimento da violência. As pessoas querem ter o que o outro tem e, por conseguinte, ser igual ao outro, o que comete o maior ato violento expõe a comunidade ao perigo. Nesse sentido, a crise sacrificial gera efeitos e esses são, muitas vezes, prefigurados até mesmo nas religiões primitivas. A violência trágica aí nada mais é que um desejo de equiparação, a tragédia maior é o fim de toda diferença, porém a monstrosidade continua sendo o patrimônio de um só indivíduo. Esse comportamento monstruoso ao mesmo tempo que não é particular a um único indivíduo é comum a muitos membros da comunidade.

As crises sacrificais, geralmente, têm símbolos. Eles podem ser associados a desastres ocorridos em uma cidade que interrompem suas funções vitais. Segundo Girard (1995), essa passa a não ser alheia à violência e à perda das diferenças, diz ainda que esse desastre é atribuído ao assassino. O contágio pela desgraça da fatalidade natural coincide com a crise sacrificial, a diferença é que o desastre é coletivo enquanto a violência individual limitada. Mas nos dois casos a violência é um disfarce da crise sacrificial, os dois temas são fundidos e se repartem com todos os membros da comunidade, de maneira que, afirmar ou negar qualquer coisa de um indivíduo é, ao mesmo tempo, afirmar ou negar de todos os demais. É como se a responsabilidade fosse compartilhada por todos.

Girard (1995) afirma ainda que se a crise desaparece deve-se à distribuição desigual de aspectos muito reais dessa crise. Isso quer dizer que toda elaboração mítica se reduz a um deslocamento da indiferenciação violenta que faz com que a comunidade se concentre na crueldade do ato violento de determinado indivíduo. As forças maléficas que atacam e assediam um povo se concentram no autor do ato de violência máxima. Girard (1995) é muito enfático ao dizer que o mito substitui a violência recíproca espalhada em qualquer lugar com a transgressão de um único indivíduo. O transgressor é o culpado pela desgraça da cidade.

É nesse aspecto que entra, nesse escopo formulado por Girard, a história e os mitos formulados ao entorno da figura de Jararaca na cidade de Mossoró. É bem consensual que um ato de violência serve para apaziguar uma situação vivida por um indivíduo. A violência para apaziguar uma situação existe mesmo que a causa da rivalidade que a estimulou permaneça intocável. Bodes expiatórios podem ser classes inteiras de pessoas ou um único indivíduo. No caso de Mossoró, a cidade estava assolada por uma onda de violência e medo dos saques a serem produzidos pelos cangaceiros e isso precisava ser sanado. Foi quando executaram o símbolo dessa violência unânime: Jararaca.

Os cangaceiros tinham marcas que estavam relacionadas com a perseguição. Nem sempre foram vítimas sacrificiais, pois nem toda violência é um sacrifício. No entanto, no caso ocorrido em Mossoró a violência cometida contra o cangaceiro foi um tipo de violência sacrificial, pois esta envolve uma comunidade no assassinato. Só há sacrifício porque uma coletividade acreditou no caráter ambíguo da vítima, que seria transgressora e pacificadora ao mesmo tempo; foi exatamente o que aconteceu na pessoa de Jararaca. Depois disso as pessoas seguem rigorosas prescrições rituais que pretendem afastar a culpa da comunidade. O que acontece anualmente no Cemitério São Sebastião com velas e preces ao cangaceiro, pois se uma perseguição traz paz para uma cidade ela pode ser formalizada como ritual.

Nesse jogo contencioso, o homem violento faz questão de deixar a cidade ciente de que o único culpado na verdade não seria ele, mas a vítima propiciatória. Portanto, deve ser o único a pagar as consequências, como vimos anteriormente nas reportagens de alguns jornais da região acusando Jararaca de muitas atrocidade e de ser um bandido cruel. Toda a investigação da reciprocidade violenta é uma caça ao ludibriador propiciatório que se dirige, no fim das contas, para o que começou. Pode acontecer de a acusação permanecer imóvel e as informações que são verdadeiras não se diferenciem das falsas, pois ninguém se levanta para contradizer o que foi dito. Uma versão especial dos acontecimentos passa a se impor e perde seu caráter polêmico para se converter em um mito onde sua fixação se transforma em um fenômeno de unanimidade, e também acusações invertidas se encontravam. No final, predomina uma só delas entorno da qual todo o resto se cala, agora se sobressai o todos contra um.

A unidade da comunidade que fora desfeita é recomposta. Embora as circunstâncias pareçam desfavoráveis, a comunidade estava um caos, cheia de ódio e

facções. Esses sentimentos são constantes no mito e o eram na cidade de Mossoró, principalmente o ódio aos cangaceiros. A ação injusta triunfa muitas vezes na diversidade dos sentidos contraditórios, nesse processo a cidade se voltará para a unanimidade violenta que a libertará. Nessa crise sacrificial todos os rivais acreditam estarem separados por uma diferença. As diferenças vão desaparecendo aos poucos; algumas vezes, aparece o mesmo desejo, o mesmo ódio quando a crise vai aumentando. Girard (1995) diz que os membros da comunidade vão parecendo espécies de gêmeos da violência.

Usar o termo réplica é irreal para algumas áreas como a psiquiatria, porém aqui ele se encaixa muito bem. A violência uniformiza os homens. Eles se tornam gêmeos de seus antagonistas levados pela fascinação e ódio universais. Segundo Girard (1995) uma só vítima pode substituir todas as vítimas em potencial para que as suspeitas de ambas se convertam na convicção de todos contra um só. A convicção da uniformização vem de maneira acumulativa através da dedução que cada um tem a partir da opinião do outro gerado por um desejo de imitação quase instantâneo. As exasperações do ódio, através do desaparecimento das diferenças e da uniformização das réplicas, se fazem intercambiáveis e são a condição necessária da unanimidade violenta.

Girard (1995) atesta ainda que para que a ordem renasça é necessário que a desordem chegue a seu ponto máximo. O autor cunha o termo *vítima propiciatória* para designar o indivíduo único que converge para si todo o ódio e rancor fazendo com que a dispersão gere uma comunidade. Esta, por ser vítima da violência ou se assolada por algum desastre, entrega-se à caça cega do bode expiatório. Aí se busca uma solução imediata para o problema da violência, os homens ficam convencidos de que seus problemas advêm de um responsável único.

Violências coletivas podem aparecer em forma física pelo ataque a pessoas em suas casas e locais de reunião religiosa, nos tempos modernos pelo assassinato de reputação etc. Violências como essas tentam justificar a si mesmas com acusações iniciais. A unanimidade violenta, segundo Girard (1995), se revela nas religiões primitivas e desaparece por trás das formas míticas, coloca ainda que o mecanismo da violência recíproca pode descrever-se como um círculo vicioso quando a comunidade penetra nela vemos vingança e represália. No seio da comunidade sempre há ódio acumulado que os homens fazem frutificar.

A violência se instala na comunidade uma vez que ela tem um caráter mimético, isto é, imitativo, de tal maneira, que a violência não pode morrer por si mesma. Girard (1995) afirma que para escapar desse círculo seria preciso privar os homens de todos os modelos de violência que não param de se multiplicar. Mas, é preciso uma coisa, que todos estejam de acordo no que diz respeito à identidade do culpado único:

Si todos los hombres consiguen convencerse de que sólo uno de ellos es responsable de toda la *mimesis* violenta, si consiguen ver en ella la mancha que los contamina a todos, si comparten unánimemente su creencia, ésta quedará comprobada pues ya no habrá en ninguna parte de la comunidad ningún modelo de violencia a seguir o a rechazar, es decir, a imitar y multiplicar inevitablemente. Al destruir la víctima propiciatoria, los hombres imaginaran librarse de su mal y se librarán en efecto de él, pues ya no volverá a haber entre ellos una violencia fascinante. (GIRARD, 1995, p. 90)

Nosso saber sobre a violência sempre está projetado no outro e este só alimenta o conflito. Este saber é contagioso, os homens não encaram ou até desconhecem a insensatez de sua violência, a ignoram. Essa “cura” pode vir através do mito que se forma, quando determinada sociedade o adota o converte na versão única agora superada em uma ordem cultural renovada. A paz que se gera é a confirmação da identificação do culpado único e as pessoas passam a acreditar para sempre no que se é registrado e que converte a crise em um mal misterioso. O ser culpado deve sempre ser identificado e expulso, pois sua presença contamina todo o resto. Foi exatamente isso o que se deu na noite de 13 de junho em Mossoró.

Novamente ressaltamos que, uma vez que esse mito se instala no lugar da crise gera-se uma cultura. Esse mito não é uma camuflagem, nem uma manipulação consciente dos dados da crise sacrificial, a violência que está na comunidade é unânime. Tudo que o mito adquire é como se fosse inquebrantável, todos os reverses desaparecem por trás de suas significações. Sem a estrutura do mito não haveria nenhum tema.

O tema principal não é a psicanálise por si do ato monstruoso principal, mas a violência que se dissimula atrás desse ato visível que é uma ameaça de destruição total salvaguardada mediante o mecanismo da vítima propiciatória. O sinal da violência pode apagar-se e não mostrar-se de todo, isso não quer dizer que desapareça seus efeitos. É misterioso, mas, para que o amaldiçoado produza todos os seus efeitos, é bom que

desapareça e que provoque o esquecimento da violência, pois o bode expiatório “tira a culpa” dos que o sacrificaram.

A presença do anátema poderia representar um problema na tragédia, isso é possível saber se desconstruímos o mito para vermos a sua inspiração trágica. Há que se dizer que a exumação da vítima é e pode ser histórica e arqueológica, porém não é possível chegar a ele a partir de uma leitura meramente estrutural e temática.

Na primeiras cenas do mito, aquele que concebe o ato pode ser visto como maléfico, mas em seguida seu cadáver transforma-se em uma espécie de talismã da comunidade que antes o rechaçava e o expulsava. Antes, todas as violências só faziam redobrar outras violências, mas a violência contra a vítima fez cessar de maneira milagrosa toda a violência. A teoria levantada por Girard expressa o comportamento humano, o pensamento simbólico é o conjunto do pensamento humano, ou seja, expressa o mecanismo da unanimidade violenta que se inclina para a vítima e pensa ser ela a responsável pelas ótimas consequências que provocam seu exílio ou destruição.

A atenção, segundo Girard (1995), não só se dirige para os rasgos distintivos da violência decisiva que desencadeou a unanimidade, mas também a própria pessoa da vítima. Girard escreve:

Atribuir la conclusión benéfica a esta víctima parece mucho más lógico en la medida en que la violencia ejercida contra ella tenía por objetivo devolver el orden y la paz. En el momento supremo de la crisis, cuando la violencia recíproca, llegada a su paroxismo, se transforma de repente en unanimidad pacificadora, las dos caras de la violencia parecen yuxtapuestas: los extremos se tocan. (GIRARD, 1995, p. 94)

A vítima, segundo Girard (1995), parece conter na sua pessoa os aspectos mais benéficos e mais maléficos da violência. A violência recíproca da unanimidade fundadora é simbolizada pela vítima propiciatória, de maneira, que tudo passa a coincidir. Vale ressaltar que o pensamento religioso se vale desses eventos, não por empréstimo, mas por conter também esse mecanismo, já que ela é um ajuntamento humano rumo ao sobrenatural. Assim como já dissemos, a teoria girardiana expressa um comportamento humano e é uma das explicações antropológicas oferecidas a ele.

Esses eventos na história humana parecem ser inevitáveis. Seu dispositivo interno é impulsionado pelas rivalidades e violências que delas decorrem em conflitos

localizados, acirrados, contagiando um conjunto da sociedade. É nesse momento onde se lança mão do mecanismo do bode expiatório, transformado em vítima de uma dinâmica que começa internamente no desejo. Essa vítima que sofre a violência, embora não tenha provocado novas represálias, é uma criatura sobrenatural que planta a violência para, segundo Girard (1995), recolher a continuação da paz, um temido e misterioso salvador que adoece os homens para curá-los depois — Jararaca, o outrora facínora, passa a ser um doador de favores.

O autor da violência passa também a ser benéfico depois de ser maléfico. Não significa reabilita-lo. No sentido moderno, é algo que não é muito absorvido e compreendido nem mesmo pelas religiões existentes: “la misteriosa unión de lo más maléfico y de lo más benéfico es un hecho que resulta imposible negar o descuidar, pues interesa a la humanidad en grado superlativo, pero este hecho escapa totalmente al juicio y a la comprensión humana”. (GIRARD, 1995, p. 94). O violento bom depois de expulso predomina sobre o maléfico anterior à expulsão.

O autor do ato de violência não é anulado, uma vez que, é a expulsão desse culpado que provoca a desaparecimento da violência. O resultado confirma a unânime opinião sobre ele de que realmente cometeu tal ato. Se for salvadora é pela sua qualidade de algo que o leva à violência. Existe uma experiência religiosa primordial que, segundo Girard (1995), facilita esse fenômeno de sacralização, mas o fato principal para ele é que esse sistema de transgressão e salvação reaparece várias vezes em relatos mitológicos, folclóricos, literaturas, lendas e contos de fadas.

O homem é promotor de violência e desordem, o herói aparece como redentor tão logo é eliminado e sempre através da violência. O herói é em muitos casos um transgressor e aparece, segundo Girard (1995), como um destruidor de monstros, ele atrai para si uma violência que afeta o conjunto da comunidade. Violência contagiosa que sua morte ou triunfo convertem em ordem. Após a morte de Jararaca, a cidade de Mossoró começou a desfrutar uma paz que não gozava antes do evento, o espaço era de medo, apreensão frente aos cangaceiros tão temidos, motivos de grandes desavenças e opiniões frente àqueles que os recebiam, açoitavam e protegiam seja por medo ou corrupção. Eram bandidos que geravam desordem e a violência só se atenuava.

CONCLUSÃO

O mecanismo da vítima propiciatória nos ajuda a entender o mito, as narrativas, bem como diversas obras literárias, tanto em sua gênese quanto em sua estrutura. Esses mitos estão ligados ao transcendental, que é característica sua, uma vez engendrado ao sagrado, dá gerência à unidade social feita. Segundo Girard (1995), a expulsão da vítima propiciatória que está em mitos e em rituais religiosos também pode ser responsável pela formação de culturas, mas esse seria um aspecto que fugiria ao nosso objetivo e não caberia aqui.

Toda a teoria girardiana não está presente nessa produção, uma vez que, ela é muito abrangente e envolve várias temáticas. Não só a do bode expiatório, sua teoria tem sido alvo de várias pesquisas e aprofundamentos que até hoje geram muitas dúvidas a alguns leitores. O fato é que ela é aplicável a momentos de nossas vidas, a passagens políticas, a histórias que vemos nos jornais, à vida de conhecidos, a livros de literatura, no dia a dia das pessoas, filmes etc. É como se fosse um método, deve ser por isso que o próprio autor usa a palavra *mecanismo* do bode expiatório.

Alguém que sofre um assassinato de reputação nos dias de hoje também pode ser uma vítima, seguindo esse mecanismo do bode expiatório, mas essa pessoa não é santificada depois, pois como já vimos a vítima a ser sacrificada deve fazer parte dos anseios e estrutura da violência coletiva que geralmente é assassinada fisicamente. Podemos até dizer que existem vítimas de violência históricas como alguns grupos que têm determinadas características, sejam por algumas práticas ou etnia, mas muitas não são sacralizadas. Para ser um bode expiatório, a vítima deve ser divinizada depois geralmente pelos algozes.

Os partícipes do momento ao entorno dos fatos legitimam o ato sacrificial e se vêm livres de algum mal sobrenatural ou não, mas que consiste realmente em uma crise de imitação na sociedade com todos os seus efeitos. O mecanismo do bode expiatório restaura essa sociedade, é encontrado, segundo o autor aqui trabalhado, nos grupos mais primitivos, onde a violência que antes era de todos contra todos se canalizou para uma única pessoa.

Aqui se buscou aplicar esse mecanismo na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, no assassinato do cangaceiro Jararaca, que antes era o responsável por tantas violências fora e depois dentro da cidade. Mossoró passou por um conflito com a invasão do bando de Lampião e estave com os ânimos à “flor da pele”. Todos esses conflitos e violência foram sanados com o assassinato do criminoso por alguns policiais

no cemitério São Sebastião e que, após a sua morte trágica, passou a ser tido por Santo por vários munícipes.

Intentamos aplicar aqui a teoria do bode expiatório de René Girard nesse fato ocorrido em terras potiguares. Se ficaram lacunas abertas, esperamos que sirvam para despertar no leitor o desejo por uma pesquisa mais aprofundada nesse tema tão presente e interessante levantado pelo francês Girard. Tenho certeza que ela ajudará nas leituras mais profundas como também no lazer do cinema.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura.** – 7 ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMPBELL, J. **O poder do mito.** Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1994.

FALCÃO, Marcílio Lima. Uma morte muito aperreada: **Memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró.** 2011. 181f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2011.

FRYE, Northrop. **O Código dos códigos: A Bíblia e a Literatura.** – 1 ed. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

GIRARD, René. **La violencia y lo sagrado.** – 2 ed. Trad. Joaquín Jordá. Barcelona: Anagrama, 1995.

Recebido em: 13/03/2018

Aceito em: 26/04/2018